

CARTA SEMANAL

Mar de lama

04 DE SETEMBRO DE 2026

CANÁRIO DA MINA
ED. 171

G5 Partners

g5partners.com

A ideia inicial não era falar de política – seja porque o discurso do presidente do Federal Reserve (Fed), Kevin Warsh, no simpósio de Jackson Hole, foi duro o suficiente para valer um “O Canário da Mina” (OCM), seja porque falamos desse tema no OCM 169.

Entretanto, os eventos desta semana “atropelaram” nossas intenções iniciais, então abordaremos novamente o cenário político eleitoral, com foco nos efeitos do imbróglio de Alexandre de Moraes e na ascensão de Augusto Cury (Avante) na corrida presidencial.

Para começar, vamos discutir os efeitos da revelação da relação promíscua entre o ministro do Superior Tribunal Federal (STF) e o ex-dono do Banco Master, e agora presidiário, Daniel Vorcaro, sobre o cenário eleitoral. Mas antes vamos analisar um pouco a situação de Alexandre de Moraes e do Supremo.

Os fatos já estão mais do que destrinchados pelos jornais, de modo que podemos ir direto ao que interessa: a possibilidade de haver algum tipo de sanção contra Moraes no STF. E, para fazê-lo, já podemos dizer que provavelmente não acontecerá nada contra ele – seja no Supremo, seja no Senado. No primeiro, o principal motivo é que André Mendonça não seguiu o rito correto para fazer a denúncia contra Moraes; a jurisprudência do STF indica que, mesmo para que seja aberta a fase pré-processual – nesse caso, a investigação –, deve haver a anuência do plenário do STF. Portanto, mesmo antes de pedir a manifestação da Procuradoria Geral da República (PGR), Mendonça deveria ter levado o caso ao pleno do Supremo. Inclusive, esse foi um dos motivos citados pelo procurador-geral da República, Paulo Gonet, para pedir a nulidade da petição de Mendonça para a investigação de

Moraes. Dessa forma, quando o caso realmente for levado ao escrutínio dos demais ministros, o sentimento de autopreservação falará mais alto, e provavelmente o tema principal não será a gravidade das revelações, mas se houve falha processual; e, como parece ter havido, a chance de o caso ser sepultado ali mesmo é bem grande. Muito se pergunta se o presidente da corte, Edson Fachin, não poderia abrir um inquérito de ofício, como fez Dias Toffoli em 2019, no caso da reportagem da revista *Crusoe* sobre ele, que acabou resultando no interminável “Inquérito das Fake News”. No entanto, esse caminho também não é possível porque, pelo Regimento Interno do STF, o presidente da corte só pode abrir um inquérito de “ofício” se for para investigar um ataque ao Supremo, o que foi usado como desculpa em 2019, mas não cabe agora dado que o problema é interno. Por fim, no Senado, basta ler a declaração de seu presidente, Davi Alcolumbre (União-AP) – *“Apenas um comentário, no momento adequado eu vou falar, todo mundo esqueceu que pediram R\$ 130 milhões para a mesma pessoa fazer um filme, e agora o culpado só é o ministro Alexandre de Moraes”* – para perceber que, enquanto ele estiver no comando do Senado, um processo de impeachment contra o ministro do STF não prosperará. Inclusive, é com esse personagem que vamos começar a discutir o efeito eleitoral desse escândalo.

Vamos voltar no tempo até o dia 5 de agosto, quando a manchete do *Correio Braziliense* dizia: *“Lula e Alcolumbre*

se encontram na casa de Moraes para ‘selar as pazes’”. Obviamente isso não significa que os três sejam amigos ou mesmo cúmplices, apenas reforça uma percepção popular de que o STF em geral e Alexandre de Moraes em particular são aliados de Lula. Em março deste ano, quando as ligações de Vercaro com Dias Toffoli e Moraes começaram a aparecer, a pesquisa Genial/Quaest mostrou que 59% dos entrevistados concordavam com a afirmação de que *“o STF é um poder aliado ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT)”*. Portanto, há poucas dúvidas de que, entre os candidatos à presidência, o único afetado por esse escândalo seja o atual presidente – que, inclusive, foi o o último dos candidatos a se manifestar sobre o assunto. A propósito, essa confusão com Moraes vem em um momento ruim para Lula, que já sofre com a perda de desempenho nas últimas pesquisas eleitorais e vê seu principal adversário, Flávio Bolsonaro, se aproximando perigosamente por conta dos problemas de seu filho, Lulinha, e da desenvoltura com que a lobista Roberta Luchsinger transitava na alta cúpula petista.

Nas pesquisas Nexus/BTG e Globo/Quaest divulgadas nesta semana, Lula aparece com 46% contra 45% de Flávio na primeira e 42% contra 41% na última. Da mesma forma, a redução da diferença entre os dois é marcante nos últimos 45 dias, principalmente na Globo/Quaest, na qual passou de 8 p.p. em 15 de julho para 1 p.p. na pesquisa desta semana – um reflexo do aumento da rejeição a Lula, que passou de 50% para 53%, e da queda da de Flávio, que saiu de 57% para 55% no mesmo período. Esses movimentos reforçam nossa percepção de que as oscilações nas intenções de votos refletem a “gangorra das rejeições”, ou o escândalo da vez. Até esta semana, quem estava na “mira” era Lula; mas na próxima pode ser Flávio, sobretudo depois do acordo de delação premiada fechado pela

Procuradoria-Geral da República (PGR) com Antônio Carlos Freixo, o Mineiro, que vem a ser o dono da Entre Investimentos e Participações, empresa usada por Vercaro para enviar os recursos que financiaram o filme *Dark Horse* para o Havengate Development Fund, administrado por Pedro Calixto, advogado ligado ao ex-deputado Eduardo Bolsonaro nos Estados Unidos. Como a grande questão das investigações sobre essa transação é saber se os recursos foram mesmo para o filme ou para financiar o filho 03 de Bolsonaro nos EUA e a delação foi aceita pela PGR, provavelmente a ligação entre Flávio e Vercaro voltará aos holofotes, e é possível que a gangorra mude de lado novamente. Isso fica claro na pesquisa Globo/Quaest desta semana: para 65% dos entrevistados, a investigação sobre Lulinha ‘Prejudica muito’ (40%) ou ‘Prejudica um pouco’ (25%). Tais números são semelhantes aos registrados para a mesma pergunta sobre o caso Dark Horse para Flávio: para 42%, ‘Prejudica muito’ e, para 22%, ‘Prejudica um pouco’. Ou seja, como diz o ditado popular, *“Pau que dá em Chico dá em Francisco”*.

Bem nesse “mar de lama” que se tornou a corrida presidencial, a grande novidade do momento é o crescimento exponencial de Augusto Cury nas pesquisas. Independentemente do instituto, o presidenciável do Avante passou de níveis entre 1% e 2% nas intenções de voto para algo entre 10% e 12% em poucos dias. Mas como isso aconteceu?

Para responder a essa pergunta, temos que lembrar primeiro que Cury é um escritor de sucesso, cujos livros de autoajuda venderam mais de 45 milhões cópias ao redor do mundo. Portanto, provavelmente os fãs descobriram que ele é candidato à presidência. Isso fica claro quando observamos o nível de conhecimento do candidato na pesquisa Globo/Quaest. Em 14 de agosto –

antes do debate do Grupo Bandeirantes, que ocorreu em 23 de agosto, e de sua entrevista no *Jornal Nacional*, no dia 29 de agosto –, 76% diziam não conhecer Augusto Cury, número que caiu para 54% nesta semana. Portanto, aparentemente os eleitores que conheciam o “escritor” descobriram o “candidato”, e essa sensação se consolida quando vemos que no voto espontâneo Cury passou de 0% para 8% em apenas uma semana. Mas, obviamente, o “descobrimento” só se transformou em “intenção de voto” devido a uma falta de ânimo dos eleitores com relação aos dois principais nomes desta campanha: Lula dá a sensação de fadiga de material, e Flávio herdou o sobrenome do pai, mas não seu carisma. Além disso, a sequência de escândalos em ambos os lados não ajuda em nada esse cenário. Tal desânimo se reflete na pesquisa BTG/Nexus desta semana: os ‘Não polarizados’ são 20% do eleitorado, e os ‘Anti-Lula e Anti-Bolsonaro’, 9%, sendo que nesses grupos o crescimento de Cury é maior que a média (11%), com 19% em ambos os cortes. O interessante é que ele também tira voto dos dois líderes nas pesquisas, mas mais de Flávio do que de Lula. Entre os que se definem como ‘Lula como alternativa’, ele chega a 14%; e entre os ‘Bolsonaro como alternativa’, chega a 26%, quase no mesmo nível do próprio Flávio (29%). Ou seja, aparentemente, sua candidatura parece um risco maior para o candidato do PL do que para o do PT. Bem, então Augusto Cury se valeu do reconhecimento como escritor para alavancar suas intenções de votos, deve ser um motivo de preocupação para os demais candidatos e, pensando na vaga para o segundo turno, uma preocupação maior para Flávio do que para Lula. Mas sua ascensão meteórica está mais para um “cavalo paraguaio” ou para um “Bolsonaro 2018”?

A esta altura da corrida presidencial, é difícil dizer, visto que é um fenômeno muito novo, porém há alguns

indícios de que seu crescimento pode ser limitado. O primeiro é que, na pesquisa Globo/Quaest, em um eventual segundo turno contra Lula, o desempenho de Cury é bastante sofrível, perdendo por 40% a 34% – diferença semelhante à de Renan Santos (Missão), que perderia para o atual presidente por 43% a 36%. Portanto, Cury ainda não se mostrou mais competitivo que Flávio para ganhar de Lula no segundo turno, o que seria uma premissa importante para ter chance de tirar o candidato do PL da reta final da eleição. O segundo é que o avanço no conhecimento de sua candidatura vem acompanhado por aumento quase proporcional de sua rejeição, o que pode ser observado na mesma pesquisa Globo/Quaest: os 20 p.p. do aumento de conhecimento de Augusto Cury se dividem em 11 p.p. de crescimento do ‘Conhece e votaria’ e 9 p.p. do ‘Conhece e não votaria’, um fator que certamente pode limitar o crescimento do escritor. Por fim, devemos considerar que até agora Cury “voou abaixo dos radares” – uma prova disso é o fato de seu nome só ter sido testado no segundo turno nas pesquisas desta semana –, portanto nem ele nem a equipe de campanha passaram pelo maior teste de qualquer candidatura: o “espancamento público”. Agora que apareceu, e incomodou, terá a vida vasculhada e as convicções testadas; aí sim veremos quais são suas ideias, seus pontos fortes e seu desempenho nas próximas pesquisas.

Falamos sobre muitas coisas no OCM de hoje e, em uma breve retrospectiva, acreditamos que existe uma chance maior de as investigações sobre as ligações de Vercaro com Moraes não passarem do plenário do STF e de tudo acabar em “pizza”. Se servir de consolo, o efeito colateral positivo dessa confusão deve ser a diminuição da resistência de parte do Supremo ao código de conduta defendido por Edson Fachin. Esse escândalo afeta mais Lula do que Flávio, mas acreditamos que o contra-ataque

¹ Quando a pergunta é apenas “Em quem você vai votar na eleição presidencial?” sem apresentar a lista de candidatos.

virá, e provavelmente a fonte do vazamento da vez será a delação premiada de Antônio Carlos Freixo, o que deve jogar a “lama” para o lado de Flávio e breçar sua melhora nas pesquisas. Já Augusto Cury passou de um desconhecido para uma incógnita, que será decifrada nas próximas pesquisas.

Frase da Semana

“Quem guardará os guardiões?”

Juvenal, poeta romano

G5 Partners	2024	2025	2026	2027
IPCA (%)	4,83	4,26	5,20	4,15
SELIC F.P (%)	12,25	15,00	13,75	12,00
USDBRL	6,18	5,50	5,30	5,30
PIB (%)	3,40	2,30	2,00	2,00

Sobre O Canário da Mina

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.